

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

calei
dos
ópio



LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

Por opção dos autores,
e manifestando a sua discordância
com o acordo ortográfico de 1990,
os presentes textos são apresentados
com a grafia que lhe é prévia.

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

ANA LEMA SEABRA
ANA MARGARIDA ARRUDA
ANA SOFIA ANTUNES
CATARINA BOLILA
CIDÁLIA DUARTE
CLÁUDIA COSTA
CLÁUDIA MANSO
DAVID GONÇALVES
DIEGO ANGELUCCI
ELISA DE SOUSA
ÉVER CALVO
FRANCISCA ALVES-CARDOSO
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
JOANA REIS
JOÃO MURALHA
JOSÉ CARLOS QUARESMA
JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

MANUELA LEITÃO
MARINA LOURENÇO
NATHALIE ANTUNES-FERREIRA
NÉLSON CABAÇO
NUNO NETO
PAULO BOTELHO
PAULO REBELO
PEDRO FERNANDES
PEDRO PEÇA
RAQUEL GRANJA
RODRIGO BANHA DA SILVA
SUSANA GARCIA
SÍLVIA CASIMIRO
VASCO LEITÃO
VASCO NORONHA VIEIRA
VÍTOR FRAZÃO

Sumário

7	Apresentação	66	Calçada do Garcia e Largo de S. Domingos RODRIGO BANHA DA SILVA
8	Nota Introdutória	70	Rua das Portas de Santo Antão NÉLSON CABAÇO, ÉVER CALVO MARINA LOURENÇO SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO RODRIGO BANHA DA SILVA
10	À guisa de introdução: algumas palavras prévias... RODRIGO BANHA DA SILVA	74	Calçada do Lavra: Testemunho da variabilidade de rituais funerários em época romana PEDRO PEÇA CATARINA BOLILA RAQUEL GRANJA PAULO REBELO
12	Práticas e rituais funerários na região de <i>Olisipo</i> no I milénio a.n.e.: O impacto orientalizante e o seu reflexo no estuário do Tejo ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA ANA SOFIA ANTUNES SUSANA GARCIA	84	Encosta de Sant'Ana: Os espaços sepulcrais CIDÁLIA DUARTE CLÁUDIA COSTA DAVID GONÇALVES DIEGO ANGELUCCI JOÃO MURALHA JOSÉ CARLOS QUARESMA MANUELA LEITÃO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA PAULO BOTELHO VASCO LEITÃO
24	Espaços funerários: de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> a <i>Olisipona</i> RODRIGO BANHA DA SILVA	100	Rua de Santa Marta, n.º 32-34: estrutura funerária romana PEDRO FERNANDES NUNO NETO
32	Rua dos Correeiros: o espaço funerário ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA JACINTA BUGALHÃO RODRIGO BANHA DA SILVA CIDÁLIA DUARTE	104	As inscrições funerárias da Necrópole NO de <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
40	Rua Nova do Almada, n.º 63-73: Vestígios da necrópole romana da “via Este-Oeste” de <i>Olisipo</i> HELENA PINHEIRO RAQUEL GRANJA NUNO NETO		
44	Praça da Figueira RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO		

116	Núcleos ocidentais I - Palácio dos Condes de Penafiel RODRIGO BANHA DA SILVA	141	Recintos, edifícios e monumentos funerários em <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
120	Núcleos ocidentais II - Rua de São Nicolau e <i>Corpus Christi</i>: Discretas evidências da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA CLÁUDIA MANSO RODRIGO BANHA DA SILVA ANA SEABRA	161	Os Olisiponenses: Estudo bioantropológico de uma população da Lusitânia FRANCISCA ALVES-CARDOSO SÍLVIA CASIMIRO SUSANA GARCIA NATHALIE ANTUNES-FERREIRA RAQUEL GRANJA MARINA LOURENÇO CIDÁLIA DUARTE DAVID GONÇALVES
121	Núcleos ocidentais III - Rua da Prata: Evidências fúnebres da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO CLÁUDIA MANSO NUNO NETO JOANA REIS JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO	174	A Infância entre a Época Romana e a Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO
123	Alfama RODRIGO BANHA DA SILVA	182	O mobiliário funerário RODRIGO BANHA DA SILVA JOSÉ CARLOS QUARESMA
126	Rua do Paraíso. Os monumentos funerários: um <i>columbarium</i> de <i>Olisipo</i> VASCO NORONHA VIEIRA NUNO NETO SÍLVIA CASIMIRO VÍTOR FRAZÃO RAQUEL SANTOS	198	Referências
130	Práticas e rituais funerários em <i>Olisipo</i> entre os séculos I e VI d.C. RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA MARINA LOURENÇO RAQUEL GRANJA SUSANA GARCIA CIDÁLIA DUARTE FRANCISCA ALVES-CARDOSO	209	Lista de Autores

Mobiliários funerários em Olisipo

RODRIGO BANHA DA SILVA
JOSÉ CARLOS QUARESMA

A utilização ritual de objectos depositados em associação ao defunto foi um costume generalizado nos mais variados quadros geográficos e culturais da Antiguidade, e, no caso romano, compunha uma parte das cerimónias e ritos destinados a propiciar ao falecido uma boa transição para o além e para a eternidade, que dependia da perpetuação da sua memória e da nutrição da mesma (Vargas Cantos e Vaquerizo, 2001, p. 158). Existe a noção, em Roma, de que a alma (*anima*) sobrevivia à morte, e de que a sua transição para a esfera do sub-mundo e sua subsequente inclusão num âmbito colectivo supra ou sub-terreno constituía um aspecto fundamental para o próprio equilíbrio cósmico. Do tratamento da morte resulta, portanto, um requisito para a harmonia do mundo dos vivos, vistos como compondo com os antepassados um contínuo. Deste modo se induz nos oficiantes fúnebres a preocupação de propiciar um certo “conforto” ao defunto no seu *locus sepulchri* expresso pela deposição de bens alimentares (onde o vinho ocupa um lugar de primeiro plano, mas pode compreender também o leite, azeite, carne, o cereal, fruta e frutos secos) e dos objectos que o ajudariam na sobredita transição que a arqueologia nomeia como “mobiliários funerários”.

Na prática, a designação de “mobiliários”, que surge por vezes na literatura também com a designação de “mobiliários/espólios votivos”, encerra contornos imprecisos e bastante mais difusos do que à primeira vista se poderia supor... Os estudos de arqueologia funerária romana repertoriaram criteriosamente os elementos objectuais encontrados no âmbito de uma sepultura concreta, e é evidente que

essa é a base de partida da análise ulterior. Porém, uma série de problemáticas próprias à natureza do dado arqueológico condiciona as leituras, e num texto desta natureza não poderíamos deixar de as referir.

Desde logo se coloca uma interrogação simples: a escavação arqueológica e bioantropológica de contextos funerários romanos documenta a totalidade dos objectos originalmente depositados nas sepulturas? A resposta é, obviamente, negativa, pois à excepção de certos ambientes físicos excepcionais no âmbito da arqueologia (que não se verificam no caso de Lisboa), acaso existissem elementos em materiais perecíveis, eles desapareceram. A prática lisboeta mostra, a este propósito, um importante caso exemplar: a escavação em laboratório de uma cremação depositada no interior de uma cista em tijolo da Praça da Figueira, datável do século III d.C. a inícios do IV d.C., permitiu a David Gonçalves demonstrar de forma cabal que a sequência do gesto funerário passou por etapas, sendo que na primeira se colocou no centro da cista um objecto circular em matéria perecível e, só depois, em seu redor se dispuseram os restos de cremação e, de permeio, mas numa etapa já bastante adiantada da colocação destes, i.e., a um nível superior, um copo em vidro e uns poucos restos de elementos faunísticos (Gonçalves, 2007, p. 84 - ver destaque no apartado da Praça da Figueira deste volume). É evidente que o estudo do caso dado não nos permitiu saber de que objecto se tratava, ou sequer da matéria em que era feito (madeira, cabedal, têxtil, fibras vegetais, compósito, ...), mas afigura-se significativa que tenha sido



o primeiro elemento daquele gesto fúnebre deposicional.

Ora, esta mesma questão, relativa aos objectos elaborados em materiais perecíveis, lança globalmente uma outra terrível inquietação no âmbito da interpretação, a da possibilidade de as sepulturas assinaladas arqueologicamente como “sem espólio funerário associado” na realidade não o serem...

Uma segunda interrogação básica deverá ser colocada a propósito da totalidade de objectos que *efectivamente* se documentam arqueologicamente no interior das sepulturas: equivalem todos eles a elementos integrantes do gesto ritual? Mais uma vez, a resposta é negativa. De facto, as acções sobre o solo, na abertura de fossas, valas, pequenas cavidades, na construção de estruturas, como aquelas outras de cobertura, colmatação e enchimento, podem provocar a mobilização de elementos materiais mais antigos, usualmente e de forma significativa fragmentários, desprovidos de qualquer relação directa com o gesto fúnebre. A questão assume contornos mais complexos quando, na análise de cremações romanas, onde se recolhe a *pars per toto*, se torna mais exigente a tarefa de destrinçar entre o que é componente do gesto ritual e o elemento “intrusivo” mobilizado.

Prosseguindo a mesma linha de interrogação aos objectos associados aos contextos funerários, cabe perguntar se todos eles compõem a panóplia de objectos deliberadamente associados pelos praticantes do ritual ao gesto fúnebre. De novo a resposta é negativa. Nas cremações, um conjunto de artefactos é incluído na *pyra/rogus* mas nada tem a ver com qualquer intenção deliberada de deposição: é esse o caso das componentes ornamentais dos leitos fúnebres, de que existem alguns exemplos em Lisboa em

osso ou marfim, ou dos elementos de ferragem (pregos, cavilhas) por vezes usados para ajustar e fixar a matéria lenhosa que compõe o combustível. Em circunstâncias análogas podem-se cotejar aqui para as inumações lisboetas quer os elementos metálicos dos ataúdes, como os alfinetes dos eventuais sudários (para já apenas com um caso registado), para somente cotejar duas ocorrências mais frequentes noutras geografias.

Por fim, e de modo a não estender demasiado o discurso, a interrogação coloca-se em relação aos próprios objectos indubitavelmente alvo do gesto fúnebre, presentes em incinerações ou inumações. Correspondem eles a elementos depositados de *per se*, ou foram-no somente na qualidade de contentores de algo, esse sim o objectivo do gesto?

A problemática abrange um número extenso de categorias vasculares, quer vítreos, quer cerâmicos. Somente nalguns casos poderemos afirmar com alguma segurança que a sua presença se faz na sua condição de simples contentores: é o caso de pequenas ânforas de azeite oriundas da Bética (Dressel 20 *paruas* da Bacia do Guadalquivir, na Andaluzia actual) encontradas em fragmentos fortemente sujeitos ao fogo em sepulturas lisboetas de tipo *bustum* dos séculos II/III d.C. (Rua do Paraíso e Praça da Figueira); como é também o que acontece com os recipientes vítreos e cerâmicos destinados a unguentos e outros produtos cosméticos perfumados (unguentários), alguns deles tão sujeitos ao fogo que ficaram irreconhecíveis, ao passo que outros, sem aparentemente terem sofrido o mesmo trato, parecem ter sido somente colocados nas sepulturas.

A dúvida maior coloca-se de forma notória em relação à restante miríade de objectos de uso mais corrente como os potes/panelas,

FIG. 2

Lucernas de sepulturas romanas de *Olisipo* (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL e Museu de Lisboa-Palácio Pimenta / EGEAC).

tigelas, taças, pratos, potes, potinhos/puçarinhos de beber, garrafas, jarros, ... A sua presença faz-se enquanto elementos de *per se* ou na mera qualidade de contentor de alimentos, ou ainda em ambas as qualidades em simultâneo? A resposta depende, para muitos casos, da sua posição na sepultura: em sepulturas de inumação em ataúde do século III d.C. de Lisboa ocorreram potes/panela colocados aos pés, no exterior do caixão, como na Rua das Portas de Santo Antão e Praça da Figueira, sendo que no primeiro dos sítios foram encontrados no interior do vaso uma lucerna e um vaso vítreo, objectos menores colocados no seu interior e encontrados a meia altura deste, implicando portanto a existência de matéria orgânica entretanto desaparecida, com maior probabilidade bens alimentares. No entanto, a questão para a maioria dos casos é insanável. Paradoxalmente, ela é, para nós, das matérias menos problemáticas: na realidade, para a maioria dos elementos vasculares, nomeadamente os de “serviço mesa” (que cobre uma percentagem vasta dos artefactos oriundos de contextos fúnebres), o objectivo era o de disponibilizar os objectos ao defunto, função que era cumprida com a presença ou não de alimentos depositados no interior dos vasos, noutros recipientes próximos ou simplesmente dispostos na/junto da sepultura. A sua funcionalidade mantém-se portanto, como o objectivo do gesto funerário, independente da forma que este mesmo gesto assumiu na origem.

Em função da exposição produzida, parte dos achados verificados nas sepulturas dos olisiponenses é excluída do presente texto, considerando-se aqui apenas os relacionados com a selecção dos objectos compostos por elementos utilitários vasculares e objectos pessoais destinados ao uso ritual.

Deverá notar-se que os objectos passíveis de serem depositos nos sepulcros não dependiam somente dos factores tais como estatuto social, identidade de grupo, capacidade económica, género, idade, convicções religiosas ou da arbitrariedade que temos de admitir para a sensibilidade/forma de estar pessoal do defunto e/ou de quem conduzia os preceitos rituais fúnebres.

De facto, e perseguindo a preservação da integridade das sepulturas com objectivos religiosos, mas reflectindo o pragmatismo da preocupação com a manutenção de uma certa ordem social, a Lei das XII Tábuas (a base do Direito Romano), na sua tábuas X relativa ao direito sacro, estabelecia não apenas limitações sumptuárias nas exéquias (obrigação das madeiras usadas na *pyra* serem em toско, proibição da aplicação do uso de mirra como de óleos e perfumes requintados, mas também de determinados produtos vínicos de alto custo aplicados na cremação, ...), como a proibição expressa de enterrar ouro com o cadáver, abrindo-se a excepção apenas de, “se seus dentes são presos com ouro, poder-se enterrar ou incinerar com esse ouro”. Curiosamente, e refira-se a título de apontamento, no conjunto de quase uma centena e meia de sepultamentos olisiponenses datados dos séculos I a III d.C., apenas num único caso, da Praça da Figueira, se assinalou a presença deste metal precioso nas jóias pessoais de uma menina, demonstrando o quão respeitado foi aquele princípio geral do direito romano em *Felicitas Iulia Olisipo*. Ou, se quisermos, o quão foi sentida a perda desta criança em particular de modo a que os oficiantes desrespeitassem a lei...

Aparte o princípio jurídico romano, o que observamos arqueologicamente hoje é uma acentuada variabilidade de escolhas

FIG. 3

Espólio de sepultura de cremação da segunda metade do século II d.C. - século III d.C.: unguentário vítreo (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).





FIG. 4

Câmara hipogeica de inumação do século III d.C. da Praça da Figueira: note-se a deposição do “mobiliário funerário” aos pés do defunto, composto por pote, taça, jarro, unguentário vítreo e lucerna (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

objectuais, quer no número, quer no tipo. Trata-se, antes do mais, de uma selectividade que temos de perspectivar como personalizada, onde de alguma forma se projecta uma identidade particular mesmo que esta integre a de um grupo, e onde a opção pelos objectos e bens alimentares fúnebres, seja ela elaborada pelo próprio defunto ou pelos oficiantes dos rituais, reflecte e procura transmitir uma imagem do indivíduo que não é necessariamente a que deteve em vida, antes uma identidade simbólica, construída pelo indivíduo, seus próximos ou pelo grupo a que pertence. Portanto, aferir do seu *status* social e económico, sexo, género, religiosidade ou outro elemento identitário apenas com base nos “mobiliários”, embora habitual no passado disciplinar da arqueologia romana, é prática hoje descartada (Turner-Wilson, 2007).

Na selectividade intervêm também as tendências prevalentes ao longo de segmentos

de tempo, dado que as composições que podemos observar hoje não são constantes.

Deste modo, o registo arqueológico olisiponense assinala que os objectos ligados à cosmética, em particular aqueles ligados ao olfacto (unguentos, essências, perfumes, óleos perfumados), percorrem quase todo o espectro cronológico disponível, entre os finais do século I a.C. e o pleno século III d.C. Se, nas etapas mais recuadas, a sua importância se verifica não só no âmbito sepulcral mas também, e de forma acentuada, nas práticas de visita ritual ulteriores, conforme devidamente destacado pelos autores para a Rua dos Correeiros (ver apartado, neste volume), quando os objectos deste tipo mais correntes passam a ser em vidro, o que é o mesmo que dizer a partir dos meados do século I d.C., eles parecem concentrar-se sobretudo no âmbito sepulcral, conforme os dados da Calçada

do Garcia, Encosta de Sant'Ana e Praça da Figueira (ver apartados, neste volume).

As morfologias tipológicas em voga nos séculos II e III d.C. para os unguentários não nos permitem, por vezes, afinar mais estreitamente as cronologias de algumas sepulturas. Todavia, nos contextos de cremação deste período largo a sua importância é patente, apesar de a sua presença não se manifestar em todos os sepultamentos: mesmo quando os restantes objectos cerâmicos e vítreos estão ausentes, os unguentários mantêm a sua presença amiudadas vezes como objectos únicos, conforme o documentado nas ruas do Paraíso (um ou mais que um exemplares destruídos - ver apartado, neste volume), de S. Miguel (ver apartado Alfama, neste volume), ou nos múltiplos exemplos das cistas em tijolo da Praça da Figueira (ver apartado, neste volume). Noutros casos coevos, onde o próprio *locus sepulchri* equivale a uma construção mais elaborada, como numa das duas *cupae* enterradas da referida praça, o número sobe (3 exemplares), variabilidade que terá fundamento socio-económico.

Por razões que não descortinamos ainda, nestes momentos dos séculos II e III d.C. em que a inumação se afirma nas necrópoles e restantes núcleos fúnebres urbanos olisiponenses, os unguentários são ocorrências raras nas inumações, podendo cotejar-se no momento actual da investigação somente um caso de unguentário de maior dimensão ("candlestick unguentarium" - Isings, 1957, forma 82.B2) associado ao sepultamento de um indivíduo jovem no interior de um monumento funerário complexo dotado de pequena câmara "hipogeica", datável de cerca de 250 d.C., da Praça da Figueira. Os indicadores proporcionados pelos núcleos funerários datados da segunda metade do século III d.C. em diante (à excepção da Calçada do Lavra, que em função do momento da investigação ainda não proporcionou a totalidade das informações), mostra que os unguentários

vítreos desaparecem então do registo arqueológico fúnebre lisboeta. Como interpretar este dado? Significa isto que as essências aromáticas deixaram de integrar as preocupações fúnebres olisiponenses? A questão tem de ficar para já em aberto. Note-se que a região dispunha de resinas aromáticas diversificadas facilmente ao seu dispor, e que a presença destas substâncias (nomeadamente de resinosas de pinho) no interior de invólucros têxteis está documentada nas zonas setentrionais do Império Romano (Gálias, *Germania Inferior* e *Britannia*) em contextos funerários romanos praticados em sarcófagos dos séculos II a IV d.C. (Hilts, 2016), mas mesmo nestes só é rastreável mediante análises químicas nunca realizadas por cá. Não se pode, por consequência, descartar a hipótese da sua presença em *Olisipo*, seja em invólucro têxtil ou até no interior de pequenos recipientes cerâmicos cujas morfologias são por ora associadas a outras funcionalidades.

Outro objecto de grande longevidade no gesto funerário olisiponense é a lucerna. Não dispomos de registo da sua presença em ambientes fúnebres olisiponenses antes dos meados do século I d.C., quando se torna recorrente (Vieira, 2011, pp. 103-106). Os dados da Praça da Figueira (idem) e da Rua das Portas de Santo Antão (Loja *et al.*, 2020) mostram que os momentos mais avançados, dos séculos II d.C. até pelo menos cerca de 260-280 d.C., equivalem ao seu período de maior representatividade, normalmente depositadas nas inumações junto aos pés ou à zona inferior das pernas, denunciando o simbolismo da luz aí colocada para orientar o caminho do defunto.

Os objectos de mesa compõem, como se mencionou antes, o grosso do mobiliário funerário. Dentro deles se compreende um número muito diversificado de produções oleiras, importadas e regionais, a ilustrar a dimensão comercial da cidade e também processos de dinâmica cultural.

Destacam-se, nos estudos de cerâmica romana, um conjunto de elaborações dotadas de um revestimento de aspecto mais ou menos vítreo e coloração vermelho-coral ou, mais tarde, laranja, designadas por *terra sigillata*, primeiro fabricadas na Itália, depois na Gália meridional, Hispânia e Norte de África (Tunísia, sobretudo). Impulsionadas no início por um desejo global de integração à escala do Império, que se fez sentir fortemente no principado de Augusto (27 a.C.-14 d.C.), cedo entraram no gosto olisiponense como as peças preferenciais de uso à mesa, dominando os quotidianos da alimentação com diversificadas formas elementares de pratos/pratéis e taças/tigelas das últimas décadas do século I a.C. em diante, e a partir dos séculos III/IV d.C. evidenciando geralmente vasos de maior dimensão que mostram a mudança do hábito comensal que passa a ser mais gregário e menos individual. A *terra sigillata* era completada no século I d.C. por peças de beber delicadas em “cerâmica de paredes finas”, oriundas sobretudo da vizinha Bética (actual Andaluzia), ou por algumas taças de beber e menos numerosos pratos em cerâmica cinzenta fina (concorrenciais com a *t.s.*), elaborações meridionais hispanas e/ou também regionais que entroncam numa tradição ancestral que remonta ao passado romano republicano e à Idade do Ferro (Soria, 2018).

No “mobiliário funerário”, a composição dos elementos em *terra sigillata* varia muito no século I d.C. Um grupo restrito de sepulturas de cremação de Lisboa (Praça da Figueira) e da região (Paredes, Alenquer), mostra uma tendência repetida para integrar, para além dos demais objectos, dois pratos e cinco taças de dimensões variáveis, peças oriundas da Gália do Sul (Silva, 2005, pp. 274-276), no que

parece constituir um modelo de conjunto. Noutros casos, como num *bustum* da Encosta de Sant’Ana coevo, somente um prato marca presença, acompanhando uma taça em “paredes finas” em fabrico “casca de ovo”, uma lucerna e dois unguentários (Muralha, Costa e Calado, 2002). Foi assinalado também, que a maioria dos elementos vasculares deste tipo ou não fora usado, ou teve pouca utilização, raras vezes incluindo peças com maior tempo de vida a uso (Silva, 2005; 2012a).

O século II d.C. parece representar uma etapa em que esta classe cerâmica, a partir dos meados do século oriunda sobretudo do Norte de África, perde importância em contexto fúnebre, provavelmente por sofrer a concorrência do vidro (que vai estar presente através de jarros, jarrinhos, garrafas, copos e taças) ou por estar menos acessível, como acontece em muitos outros sítios do Império Romano. Os finais do mesmo século, e em especial o século III d.C., assistem ao retomar do hábito, embora nunca ultrapassando os dois elementos, constando de tigelas ou pratos tão aptos ao consumo individual como à apresentação de alimentos. Os grupos de *sigillata* africana, hispana e oriental mais difundidos em épocas mais tardias, dos meados do século IV d.C. em diante, apesar de bem presentes nos quotidianos dos vivos olisiponenses, como se observa arqueologicamente noutros enquadramentos, irão estar ausentes dos mobiliários fúnebres, com as sepulturas a apresentarem-se globalmente despojadas, para o que joga aqui um papel determinante a adopção do rito cristão.

As cerâmicas de uso mais corrente constituem outra presença constante nos ambientes fúnebres, até aos meados do século IV d.C. Jarros, garrafas, tigelas, potes e potinhos, são uma constante ao longo de todo o

FIG. 5

Mobiliários de duas sepulturas coevas do século III d.C. de *Olisipo*: cista de cremação do monumento [9252] da Praça da Figueira e sepultura de inumação n.º 6 da Rua das Portas de Santo Antão (créditos fotográficos: em cima, Museu de Lisboa / EGEAC - Luísa Cunha; em baixo, Era-Arqueologia, S.A. - Nelson Cabaço).





FIG. 6

Dado e peça de jogo. Sepultura de cremação da Praça da Figueira. Século II-III d.C.
(créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

século I d.C. aos meados do século IV d.C. As tigelas em cerâmica regional, estão para já ausentes do registo funerário olisiponense anterior à época possivelmente severiana (193-235 d.C.). A partir daí irão, todavia, tornar-se mais frequentes, notando-se nalgumas das suas formas que muitas das vezes os oleiros da região reproduzem ou deixam-se inspirar por morfologias próprias da cerâmica de mesa importada do Norte de África. Se aos jarros e garrafas, por seu turno, podemos associar o consumo de líquidos (em especial o vinho, mas também outros como a água ou o leite), ou se de igual forma aos potes de média e maior dimensão podemos associar a conservação de alimentos, o caso dos denominados potinhos é mais rico e complexo.

Os potinhos de duas asas equivalem a uma morfologia bastante difundida no espaço do Império, mas que parece corresponder a uma especial preferência olisiponense (Santos,

2011), gozando de igual modo de assinalável sucesso em contextos fúnebres do Alto Alentejo (Nolen, 1985) e do Algarve (Pereira, 2018). Para as elaborações regionais, como para as restantes, a ingestão de líquidos é reconhecida como a funcionalidade destes potinhos (Santos, 2011, p. 126), pelo que talvez fosse preferível aplicar-lhes outro termo, a despeito de visualmente se tratarem de objectos idênticos aos potes de dimensão média ou maior, também biansados. A configuração é distinta da do formato monoansado que goza de maior popularidade nos contextos funerários da Bética (Vargas Cantos, 2002), ou do Levante (Almagro, 1955; González Villaescusa, 2001), parecendo equivaler a um matiz lusitano contrastante com o de outras zonas da *Hispania* (Aquilé e Roca, 1995), dado que também em Mérida a forma goza de sucesso, para já atestado noutros quadros que não o funerário (Bustamante Álvarez, 2012). No caso

olisiponense, para além da ocorrência esporádica de exemplares provavelmente oriundos do Alentejo (Silva, 2005), a maioria dos vasos de beber é de origem regional e marca presença assídua nos mobiliários funerários desde os meados do século I d.C. até aos meados do século IV d.C., pelo mais.

Outra presença assinalada em ambientes fúnebres romanos é a do calçado, integrando a preparação da indumentária do defunto em práticas de inumação e de incineração, portanto não se relacionando com o conjunto de objectos especificamente ritualizados (Van Driel-Murray, 1999, p. 131). Existe, contudo, uma outra situação bastante distinta, a da deposição na sepultura feita com finalidade cultural, deixando o calçado preparado com o fito de ajudar o morto na sua viagem para o além. Esta ocorrência tem sido assinalada em contextos funerários de vários quadrantes do Império, sendo considerada como forma de expressão individual (Van Driel-Murray, 1999, pp. 131-133), valendo a pena citarem-se os exemplos de deposição junto aos pés verificados em duas sepulturas (num total de 82) da necrópole de Divalentova Street, em Osijek (Croácia - Lelekovic, 2012, p. 335), reconhecíveis a partir das tachas metálicas das solas *in situ*. Para Lisboa dispomos de dois casos: um conjunto de tachas recolhidas numa cremação dos inícios do Império da Rua dos Correeiros, que por essa razão não permitem discernir se se trata de deposição de calçado ou de elemento da composição do defunto (ver apartado, neste volume), e, mais significativa, uma inumação em ataúde, praticada na Praça da Figueira no século III d.C. avançado, onde a presença de cerca de uma dezena de tachas em liga de cobre encontradas dispersas sobre a zona do tórax sugere a colocação de calçado como objecto cultural. Mais uma vez tem que deixar a ressalva de que, apesar de se tratarem de achados parcos, eles podem estar a ilustrar um gesto fúnebre bem mais generalizado. A dificuldade em os documentar

arqueologicamente advirá do facto que se pode presumir, com alguma consistência, que a maioria dos modelos de calçado usados em *Olisipo* seria desprovida de reforços metálicos nas solas (ver Van Driel-Murray, 2016, p. 133, fig. 6.1), pois as tachas sequer aparecem referenciadas no quadro das indumentárias dos defuntos até hoje exumados nas necrópoles urbanas ou do aro rural.

Situação com alguma afinidade com a do calçado é aquela respeitante aos objectos de adorno pessoal pois a sua presença nos contextos arqueológicos tanto se pode dever aos cuidados de preparação do corpo do defunto para o funeral, como porque equivaler a objectos seleccionados e depostos para acompanhar o indivíduo na sua viagem para o além.

Na primeira situação se encontra uma indivíduo (?) de 12-18 anos da necrópole da Rua dos Correeiros, inumada nos inícios do Império, que envergava na mão direita um anel em bronze com engaste em mesa férrea e vestígios da pedra em âmbar ou cornalina (Bugalhão *et al.*, 2013, pp. 256, 268, fig. 21). No mesmo local, contas de colar foram encontradas associadas à inumação em posição “atípica” de uma adulta de idade avançada, eventualmente pertencentes a um colar (ver apartado, neste volume). Nas cremações, prevalentes a partir dos meados do século I d.C., é mais difícil discernir se a ocorrência se trata de preparação do corpo ou de deposição ritual: nesta situação se encontram dois anéis e uma conta de colar em osso, como o fragmento de um bracelete em azeviche (?), exumados em diferentes sepulturas de indivíduos de idades variáveis na Praça da Figueira, cremações todas datadas do século II avançado aos inícios do século IV d.C. No núcleo da Rua das Portas de Santo Antão, no lapso 260-280 d.C., apareceram três anéis de prata idênticos em distintas posições nos indivíduos: na mão esquerda de uma adulta com idade igual ou inferior a 30 anos, na mão direita de uma outra adulta de

idade superior àquela e presumivelmente na mão esquerda de uma outra adulta de idade indeterminada (Loja *et al.*, 2020).

Situações bem distintas são as equivalentes à deposição ritual de objectos de adorno pessoal nas sepulturas. Na Rua Nova do Almada, quatro alfinetes de cabelo foram recolhidos junto ao crânio de uma senhora, número exagerado que equivalerá a uma deposição ritual (ver apartado, neste volume). Nas Portas de Santo Antão, numa das indivíduos portadora de anel a que fizemos antes menção, conservava-se junto da mão oposta à do anel, a direita, um instrumento a que decerto se atribuiu valor simbólico elevado e um alfinete de cabelo, infelizmente incompleto. Situação similar, e também de meados do século III d.C., era a da sepultura de uma indivíduo jovem junto de quem se depositou ao lado da mão direita uma agulha e um alfinete de cabelo. Alfinetes e agulhas também em osso estão de igual modo referenciados para a mesma época na Calçada do Lavra (ver apartado, neste volume).

O caso mais excepcional de deposição de objectos de adorno pessoal corresponde, todavia, a uma cremação de uma menina em meados do século III d.C., da Praça da Figueira. No interior de uma cista em tijolo se colocaram lado a lado dois delicados recipientes em vidro, e após estes depositaram-se os restos ritualizados da cremação para, por fim, no topo destes últimos, se terem colocado juntos dois anéis, um dos quais com a inscrição VTF (VT(ere) F(elix) = usa com sorte; frase propiciatória com muitos paralelos, dos quais dois em anéis áureos de Mérida e Villafranca de los Barros - (Encarnação e Pina, 2018), um par de brincos com pérola de água doce (?), um pendente com um falisco (amuleto apotropaico em forma de *phalus*), um pendente de preensão, tudo em ouro (ver acima, neste texto, referência à proibição legal da deposição de ouro nas sepulturas), um pingente em vidro vermelho-sangue

(importado) e uma pequena caixa cilíndrica (*pyxis*), com respectiva tampa, em osso ou marfim. Refira-se, como nota, que os amuletos são frequentes em ambientes funerários, assim se explicando que um outro, também de usar ao pescoço, havia sido recolhido nas escavações de Bandeira Ferreira na Praça da Figueira, em 1962, infelizmente descontextualizado: trata-se de uma pequena representação do deus Príapo (divindade da fertilidade, filho de Dioniso e de Afrodite), numa faiança com mais que provável origem no Mediterrâneo Oriental (Egipto, Síria ou Palestina).

Uma outra categoria de objectos, manuseados pela própria pessoa em vida, equivale à selecção ritual de mais vincada individualização do defunto. Cabem, dentro desta categoria, quer os instrumentos altamente especializados, como os ligados ao exercício de uma profissão/artesania em vida, como os de índole lúdica, uns e outros raros mas ocorrentes nas sepulturas olisiponenses.

No âmbito dos últimos citados, merece particular destaque o achado na Calçada do Lavra de uma sepultura de incineração contendo um dado de jogar e um conjunto de 32 fichas de jogo discóides em vidro (*calculi*), 15 brancas e 17 pretas (ver apartado, neste volume), a que falta o tabuleiro (*tabula lusoria*): invoquem-se aqui as palavras do poeta romano hispano Marcial (38-104 d.C.), “*se ganho não te deram, passa a uma actividade mais sábia e dedica-te a um jogo de estratégia, manobrando as peças, sobre o tabuleiro aberto os teus soldados de vidro e começa a quererrear, os brancos enfrentados aos negros e os negros enfrentados aos brancos*” (*Laus Pisonis*, 311, 180). Um outro dado e uma peça de jogo, em osso ou marfim, foram também recolhidos por entre os restos que sobram de uma violação na Antiguidade de uma cuidada sepultura construída em caixa de silhares de grande aparelho, do século II d.C. avançado ou já da primeira metade do século III d.C.



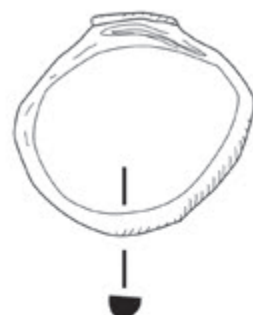
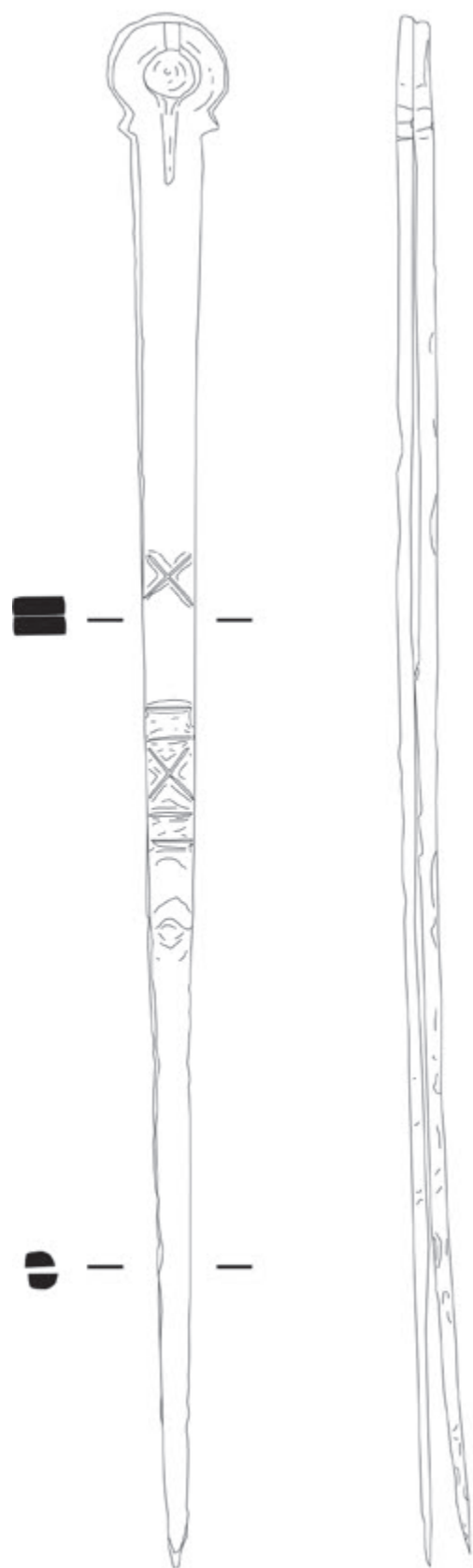
FIG. 7, A e B

A - Amuletos-pendente: Priapo em faiança oriental, à esquerda; B - falisco (*phalus*) em ouro.
(créditos fotográficos: Museu de Lisboa-Palácio Pimenta / EGEAC).

O achado de um compasso em liga de cobre junto da mão direita de uma das indivíduos inumadas nas Portas de Santo Antão, sepultada em redor de 259-270 d.C. (Cabaço, Lourenço e Silva, 2019; Loja *et al.*, 2020) constitui um elemento singular no panorama fúnebre de *Olisipo*. As características específicas do instrumento, nomeadamente as incisões respeitantes a unidades métricas menores romanas (*digitus* e *uncia*) que lhe denunciam a sua altamente provável funcionalidade no quadro do trabalho artesanal de joalharia/bijuteria (Cabaço, Lourenço e Silva, 2019), correspondem a um dos raros casos olisiponenses que nos dão pistas concretas sobre o enquadramento social e profissional do defunto.

O outro caso encerra uma outra exuberância material, e equivale à deposição de um raro conjunto relacionável com a actividade médico-cirúrgica no interior de uma cista de tijolo, junto dos restos ritualizados de uma cremação da Calçada do Lavra: duas paletas em pedra (*coticulae*), espátulas, um estojo metálico cilíndrico e uma caixa metálica em bronze (*theca*) compartimentada em cinco divisões (ver apartado, neste volume). Parte da composição do instrumental e da própria

tipologia dos objectos tem paralelo estreito num conjunto de Mérida (Bejarano Osorio, 2015, pp. 24-26; Avial-Chicharro, 2018, p. 403, fig. 1). A caixa propriamente dita tem paralelo exacto único à escala peninsular numa sepultura de incineração do local da “Antiga Campsa”, em Mérida, atribuída aos meados do século I d.C. (Bejarano Osorio, 2015, pp. 24-26, pp. 90-91, figs. 59 e 60), onde se analisou quimicamente o conteúdo revelando as substâncias armazenadas (Bejarano Osorio, p. 91). Refira-se que esta similitude pode não ser apenas accidental, pois a capital lusitana constitui-se, de forma assaz reveladora, num dos três centros urbanos com maior concentração de testemunhos epigráficos relativos a *medicus* em toda a *Hispania* (Guerra e Reis, 2018). A este propósito, é inevitável evocar aqui o monumento erigido em Mérida pelo discípulo escravo *Nothus* ao seu mestre médico *Atimetus*, deste modo comprovando que o seu tirocínio teve lugar na capital provincial, sendo dono daquele escravo *Caius Heius Primus*, o importante augustal nomeado a título perpétuo pela cidade e que patrocinou a grande obra de renovação do teatro romano de Lisboa em 57 d.C. (Edmonson, 2009).



1½ digitus

1 uncia

½ uncia



½ uncia

1 digitus



Anv.



Rev.



O mais famoso componente do “mobiliário funerário” da Antiguidade Clássica era o óbolo (Morris, 1992, p. 106), dinheiro destinado ao barqueiro Caronte, que transportava as almas do mundo dos vivos para o *Hades*, fazendo a travessia do rio que os separava, o *Styx*. As moedas pressupunham serem de valor menor (cobre ou bronze), e constituem achado arqueológico recorrente nos ambientes funerários olisiponenses.

Não pode, porém, deixar de se assinalar o facto de o óbolo, embora assíduo no gesto funerário olisiponense, não constituir uma regra: no núcleo mais antigo que conhecemos, da Rua dos Correeiros, a moeda está ausente; na Rua Nova do Almada, também; na Praça da Figueira, apenas num dos *busta* do edifício NO se identificou uma moeda, caso único entre as várias sepulturas dos meados aos finais do século I d.C. do mesmo local, como acontece de igual modo na sepultura dotada de urna de vidro da Calçada do Garcia (ver apartados, neste volume).

O panorama do uso da moeda no ritual fúnebre sugere ser, portanto, bastante restrito no século I d.C. em Lisboa. O século II d.C., de mais difícil adscrição dada a amplitude das datas dos objectos que normalmente estão associados às sepulturas, não mostra diferir substancialmente da centúria anterior. Somente a partir dos finais deste último século, e ao longo do seguinte, quando a inumação se vulgariza como método de tratamento fúnebre do corpo, se tornam mais frequentes os achados de moedas associados aos defuntos (depositadas normalmente na mão ou junto ao peito nas inumações - ver os vários apartados, neste volume). O mesmo acontece com as cremações, então minoritárias: nas 8 incinerações deste período da Praça da Figueira datadas do século III d.C. ao primeiro terço

do século IV d.C., apenas duas revelaram moeda. Nas inumações do mesmo núcleo os números são ainda menores, e não se relacionam nem com a dimensão do conjunto do mobiliário fúnebre (por vezes “exuberante”), nem com a mais elaborada expressão arquitectónica que algumas destas sepulturas atingem (num caso, um monumento complexo). Mesmo no núcleo da Rua das Portas de Santo Antão, onde presumivelmente repousava um grupo intimamente relacionado entre si, sepultado no lapso de entre 260-280 d.C., em 7 sepulturas para as quais os dados são absolutamente fiáveis, somente em quatro se assinalaram moedas, sendo que numa delas, duas (Loja *et al.*, 2020).

“Dinheiro dos mortos”, distinguido do “dinheiro dos vivos”. Nas cremações, as moedas são tão sujeitas à acção do fogo como os restantes objectos (por vezes muito pouco sujeitos, ou quase nada tanto quanto podemos observar hoje), e assim se diferenciavam. Nas inumações, nenhum caso se identificou com a moeda depositada na boca, como vulgarmente se pensa que o eram.

A presença do “dinheiro dos mortos” prende-se com crenças, com superstição, muito mais do que com qualquer tipo de fervor religioso. Como bem se constata nas poucas sepulturas da Antiguidade Tardia de *Olisipona*, mesmo quando impõem novos modos fúnebres na Antiguidade Tardia dos séculos IV avançado ao VI d.C., onde o despojamento do mobiliário se torna a prática comum, em boa medida por força do Cristianismo triunfante, o costume da deposição da moeda junto ao defunto não desaparecerá completamente do gesto fúnebre de alguns lisboetas, assumindo uma longevidade que perdurará até bem entrada a Idade Média.

FIG. 8

Moeda do Imperador Galieno e objectos pessoais da inumada na Sepultura 3 do núcleo da Rua das Portas de Santo Antão (créditos: Rodrigo Banha da Silva).

Referências

- Alarcão, J.; Delgado, M. (1969) - *Catálogo do Gabinete de Antiguidades e Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa. Antiguidades Ibéricas e Romanas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Alarcão, J. (1975) - *Fouilles de Conimbriga. V. La Céramique Commune Locale et Régionale*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Alarcão, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A.M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa '94, pp. 58-63.
- Alarcão, J. (1996) - Os círculos culturais da 1ª Idade do Ferro no Sul de Portugal. In Villar, F.; Encarnação, J. de, eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 19-36.
- Almagro, M. (1955)- *Las necrópolis de Ampúrias*, vol. II. *Necrópolis Romanas y Necrópolis Indígenas* (Monografías Ampuritanas; 3). Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona, Departamento del Instituto «Rodrigo Caro» de Arqueología y Prehistoria de Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Almeida, J. M.; Ferreira, F. B. (1965) - Varia Epigraphica (Nova Série). *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmiento. 75, pp. 82-109.
- Alves-Cardoso, F.; Ramos, A.; Gomes, C. L.; Santos, C.; Pardo, E. A.; Assis, S.; Minhós, T. (2016) - Genetics in Anthropology. In Barbaro, P., ed.- *Ethnology, Ethnography and Cultural Anthropology. Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS), Developed under the Auspices of the UNESCO*. Oxford: Eolss Publishers. Disponível em WWW: (URL:<http://www.eolss.net>).
- Alves-Cardoso, F. (2018) - Palaeopathology. In López Varela, S. L., ed. - *The SAS Encyclopedia of Archaeological Sciences*. [S.l.]: Wiley-Blackwell. Disponível em WWW: (URL: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781119188230.saseas0437>).
- Alves-Cardoso, F.; Morrone, A.; Casimiro, S.; Rosa, C. (2018) - *O Que de Nós Perdura / What of Us Endures*. [Consult. em 22 Nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL:<https://www.youtube.com/watch?v=-oGiZjAV-vo&feature=youtu.be>).
- Amaro, C. (1986) - Casa dos Bicos, notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 6, pp. 96-111.
- Andrade, C. (2001) - *Reconstituição do enchimento do esteiro da Baixa de Lisboa, estuário do Tejo. Relatório final, Praxis XXI, Projectos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico – ciências da Terra e do espaço [contrato PRAXIS/PCNA/C/CTE/9/96]*. Lisboa: Centro de Geologia da Universidade de Lisboa.
- Angelucci, D. E. (2003) - A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In Mateus, J.; Moreno-García, M., eds. - *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da cultura* (Trabalhos de Arqueologia; 29). Lisboa: IPA [ISBN 972-8662-13-0], pp. 35-84.
- Angelucci, D. E. (2004) - Estudos de Geoarqueologia na Encosta de Santana. *Trabalhos do CIPA*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 62.
- Angelucci, D. E. (2008) - Geoarchaeological insights from a Roman age incineration feature (*ustrinum*) at Enconsta de Sant'Ana (Lisbon, Portugal). *Journal of Archaeological Science*, 35, pp. 2624-2633. [DOI: 10.1016/j.jas.2008.04.020].
- Angelucci, D. E.; Costa, C.; Muralha J. (2004) - Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa): Considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7 (2), pp. 27-47.
- Antunes, A. S.; Manso, C.; Oliveira, J. M. (no prelo) - Evidências apotropaicas da Idade do Ferro em Lisboa (Portugal): o recipiente com oudjat do Convento de Corpus Christi. In *X Coloquio Internacional del CEFYP. Homenaje al Profesor Jose María Blázquez. Mare Sacrum. Religión, cultos y rituales en el Mediterráneo. Cádiz, San Fernando. 13-15 de Diciembre 2017*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- Aquilé, X.; Roca, M. (eds.) (1995)- *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial à la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (Monografies Emporitanes, 8). Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.
- Arnau, B.; García, I.; Ruiz, E.; Serrano, M. L. (2003) - El monumento funerario templiforme de la Plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-196.
- Arruda, A. M. (1999-2000)- *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2005) - O 1º milénio a.C. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um

- novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, 23, pp. 9-156.
- Arruda, A. M. (2017) - A Idade do Ferro Orientalizante no Estuário do Tejo: as duas margens do mesmo rio. In Celestino, S.; Rodriguez, E., eds. - *Território comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tago em época tartésica* (Anejos del Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida, pp. 283-294.
- Arruda, A. M.; Cardoso, J. L. (2015) - A necrópole da Idade do Ferro de Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 22, pp. 301-314.
- Arruda, A. M.; Covaneiro, J.; Cavaco, S. (2008) - A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira. *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 8, pp. 117-135.
- Arruda, A. M.; Lourenço, P.; Lima, J. (2015) - Bronces fenícios em Portugal: a propósito del hallazgo de um jarro piriforme en la necrópolis do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). In Jiménez Ávila, J., ed. - *Phoenician Bronzes in Mediterranean*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 443-452.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Soares, R. (2016) - As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid: Universidad Autónoma. 42, pp. 79-101.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Antunes, A. S. (2020) - As origens de Olisipo: uma perspectiva sobre a Idade do Ferro na cidade e seu entorno. In Guerra, A.; Freitas, M. C.; Cachão, coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo: O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 80-97.
- Avial-Chicharro, L. (2018) - La medicina romana en Hispania a través de la cultura material. In *III Jornadas de Jóvenes Investigadores en Arqueología*. Madrid: Asociación Jóvenes Investigadores en Arqueología. ¡Excavemos, pp. 400-422.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (846-1422)*. Anexos, Índice, Bibliografia e Estampas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, II.
- Barros, P.; Branco, G.; Duarte, C.; Correia, J. (2008) - A cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 5, pp. 41-52.
- Baten, J.; Blum, M. (2012) - Growing tall but unequal: New findings and new background evidence on anthropometric welfare in 156 Countries, 1810–1989. *Economic History of Developing Regions*. [S.l.]: Economic History Society of Southern Africa, Routledge, 27 (1), pp. 66-85.
- Bejarano Osorio, A. M. (2015) - *La medicina en la Colonia Augusta Emerita*. (Colección de Estudios Históricos de la Lusitania; 9). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 63, pp. 183-226.
- Bernal Casasola, D.; García Giménez, R. (1995) - Talleres de lucernas en *Colonia Patricia Cordoba* en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 6, pp. 175-216.
- Blaizot, F.; Tranoy, L. (2004) - La notion de sépulture au Haut-Empire. Identification et interprétation des structures funéraires liées aux crémations. In Baray, L., dir. - *Archéologie des pratiques funéraires. Approches critiques, Actes de la table ronde de Glux-en-Glenne. 7-9 juin 2001* (Bibracte; 9). Glux-en-Glenne: Centre Archéologique Européen du Mont-Beuvray, pp. 171-187.
- Bolila, C. (2011) - *A terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Bonifay, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (British Archaeological Reports, International Series; 1301). Oxford: Archaeopress.
- Borbonus, D. C. (2014) - *Columbarium tombs and the collective identity in Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowersock, G. W.; Brown, P.; Grabar, O. (2000) - *Late Antiquity: a Guide to Post-Classical World*. Harvard: Harvard University Press, 2nd Ed.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 16, pp. 243-275.
- Bussière, J. (2000) - *Lampes antiques d'Algérie*. (Monographies Instrumentum; 16). Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- Bustamante Álvarez, M. (2012) - Las cerámicas comunes altoimperiales de Augusta Emerita. In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., coords. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regiona-*

- les. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, pp. 407-433.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M.; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Cabaço, N.; Lourenço, M.; Silva, R. B. (2019) - O compasso do espaço da necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era-Arqueologia. 13, pp. 47-54.
- Caessa, A.; Mota, N. (2011) – 410. Estela funerária do Largo do Contador-Mór, em Lisboa (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 91.
- Caetano, J. C. (2002) - Nécropoles e ritos funerários no Occidente da Lusitania Romana. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001*. Córdoba: Seminario de Arqueologia / Universidad de Córdoba. I, pp. 313-334.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de Felicitas Iulia Olisipo e do seu ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Colibri / Instituto de História da Arte da FCSH/NOVA. 2, pp. 22-35.
- Campos, R. (2012) – As *cupae* do ager Olisiponense. In Andreu Pintado, J., ed. - *Las cupae Hispanas. Origen, difusión, uso, tipología*. Zaragoza: Fundación Uncastillo, pp. 451-477.
- Campos, R. (2019) - A diversidade dos monumentos epigráficos funerários no ager olisiponensis. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio / Câmara Municipal de Lisboa, pp. 101-117.
- Cardoso, H. F. V.; Garcia, S. (2009) - The Not-so-Dark Ages: Ecology for human growth in Medieval and Early Twentieth Century Portugal as inferred from skeletal growth profiles. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 138 (2), pp. 136-147.
- Cardoso, H. F. V.; Gomes, J. E. A. (2009) - Trends in adult stature of peoples who inhabited the modern Portuguese territory from the Mesolithic to the late 20th century. *International Journal of Osteoarchaeology*. Chichester: John Wiley & Son. 19 (6), pp. 711-725.
- Cardoso, H. F.; Abrantes, J.; Humphrey, L. T. (2014) - Age estimation of immature human skeletal remains from the diaphyseal length of the long bones in the postnatal period. *International Journal of Legal Medicine*. Munique: Springer. 128 (5), pp. 809-824.
- Cardoso, H. F.; Meyers, J.; Liversidge, H. M. (2019) - A reappraisal of developing deciduous tooth length as an estimate of age in human immature skeletal remains. *Journal of Forensic Sciences*. Colorado Springs: American Academy of Forensic Sciences. 64 (2), pp. 385-392.
- Cardoso, J. L. (2000) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 5, pp. 61-100.
- Cardoso, J. L. (2004) - *A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras.
- Carrol, M. (2011) - Infant death and burial in Roman Italy. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 24, pp. 99-120.
- Carroll, M. (2018) - *Infancy and Earliest Childhood in the Roman World (a fragment of time)*. Oxford: Oxford University Press.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. (2013) - Enterramentos infantis tardo-antigos na rua de S. Nicolau (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 859-863.
- Casimiro, C.; Prata, S.; Silva, R. B. (2016) - Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média. In Inglês, J. L.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Farelo, M.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gentes, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 37-55.
- Casimiro, S.; Alves-Cardoso, F.; Silva, R. B.; Assis, S. (2017) - *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole noroeste de *Olisipo*. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1215-1227.
- Castilho, J. (1934) - *Lisboa Antiga. Segunda Parte - Bairros Orientais* (2.ª Ed. anotada por A. A. Vieira da Silva). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, I.
- Chapa Brunet, T. (2001-2002) - La infancia en el mundo ibérico a través de las necrópolis de El Cigarralejo (Mula, Murcia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad de Murcia. 16-17, pp. 159-170.
- Christol, M. (2009) - Les cités de droit latin en Gaule méridionale. In Hurlet, F., ed. - *Rome et l'Occident (II siècle av. J.-C.-II siècle apr. J.-C.)*. Gouverner l'Empire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 315-358.

- Correia, V. ([1928] 1972) - Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *Obras. Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. IV, pp. 169-179.
- Costa, C.; Duarte, C.; Muralha, J. (2006) - Associações de restos de *Equus asinus* ao núcleo de necrópole romana da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). In Bicho, N., ed. - *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro. 14 a 19 de Setembro de 2004*. Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, pp. 105-116.
- Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Lopes, V.; Bugalhão, J.; Cascalho, J.; Andrade, C.; Rocha, A. (2018) - As praias fluvio-estuarinas da Idade do Ferro e Período Romano da Baixa de Lisboa, Portugal. In Bernardes, J. P.; Etchvarne, C.; Lopes, M. C.; Costa, C., eds. - *Arqueologia Urbana em Centros Históricos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 256-273.
- Costa, M. C. (2010) - *Redes Viárias de Alenquer e suas Dinâmicas. Um estudo de arqueogeografia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- De Man, A. (2008) - *Defesas Urbanas Tardias*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Doutoramento).
- De Man, A.; Silva, R. B. (2016) - Um refinamento de dados alto-medievais do Palácio dos Condes de Penafiel. In Fontes, J. L. I.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gente, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 57-65.
- Dias, M. M. A. (1984) - Um epitáfio romano achado em Lisboa. *Euphrosyne - Revista de Filologia Clássica*. Lisboa: Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nova Série. 12, pp. 235-238.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. I. S. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D. (1994) - 284. Fragmento de Sepultura Paleocristã. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1997) - 261. Inscrição paleocristã do Palácio Penafiel, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Anexo de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 56.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - 288. Fragmento de inscrição paleocristã da Rua das Pedras Negras, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 63.
- Dwight, T. (1894) - Methods of estimating the height from parts of the skeleton. *Medical Record*. Washington: Washington Institute of Medicine. 46 (10), pp. 293-296.
- Edmonson, J. (2009) - New light on doctors, medical training and links between *Augusta Emerita* and *Olisipo* in the mid-first century A.D. In *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua: Homenaje al Dr. Armin U. Stylow*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 48). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 117-129.
- Encarnação, J.; Fernandes, L. (1997) - Urna cinerária romana da Praça da Figueira. *Olisipo*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. II Série. 5, pp. 15-19.
- Encarnação, J.; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) - 548-550. Inscrições de Olisipo identificadas na "Cerca Velha". *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 131.
- Encarnação, J.; Pina, M. J. (2018) - Pega de cerâmica com o voto VTF. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 169.
- Fabião, C. (1994) - Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa. *Penélope-Ler e Desfazer a História*. Lisboa: Edições Cosmos, Cooperativa Penélope. 13, pp. 147-162.
- Fabião, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do actual território português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Fabião, C. (2020) - Em busca do fórum de Olisipo. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-25.
- Faria, A. M. (1995) - Plínio-O-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas Hispano-Romanas localizadas no actual território português. *Vipasca - Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 4, pp. 89-99.
- Fernandes, L. M. M. (1997) - *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 14, pp. 263-211.
- Fernandes, L. (2020) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo* ou como a cidade se mostrou. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de re-*

- apresentação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 190-213.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. (2020) - Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 215-231.
- Ferreira, F. A. R. B. (1962) – *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira, em Lisboa*. Lisboa: Junta Nacional da Educação (manuscrito – exemplar policopiado a partir de microfilme).
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. - *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) - Ex Officina Hispana. Tarragona. 10-13 de diciembre de 2014 (Monografías Ex Officina Hispana; III). Tarragona: SECAH e ICAC - Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 423-445.
- Filipe, V. M. S. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica: economia e comércio entre a República e o Principado*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Filipe, V.; Leitão, M.; Leitão, V.; Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R. (2020) - As muralhas de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fabião, C., coord. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A morfologia Urbana*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 47-71.
- Filipe, V.; Santos, R. (2020) - Banhos termiais na Rua da Adiça, Alfama. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 81-85.
- Fully, G. (1956) - Une nouvelle méthode de détermination de la taille. *Annales de Médecine Légale, de Criminologie et de Police Scientifique*. Paris: Société Française de Médecine Légale. 35, pp. 266-273.
- Garcia, S. (2019) - Crescer na cidade de Leiria na Baixa Idade Média: As evidências osteológicas. *Anais Leirenses - Estudos & Documentos*. Leiria: Hora de Ler. 4, pp. 265-284.
- García Prósper, E.; Polo Cerda, M.; Guérin, P. (2002-2003) - Rituales funerários ibéricos en la necrópolis fundacional de Valencia. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 13-14, pp. 279-310.
- Garnsey, P. (1998) - Child rearing in ancient Italy. In Scheidel, W., ed. - *Cities, Peasants and Food in Classical Antiquity: Essays in Social and Economic History*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 253-271.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Guerra, S.; Mendes, H.; Ribeiro, S.; Valongo, A.; Pinto, P. (2003) - Castelo de São Jorge: Balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa: IGESPAR. 4, pp. 214-223.
- Gomes, F. B. (2013) - Uma necrópole esquecida? O Casalão de Santana (Sesimbra). *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/CEFYF. 6, pp. 77-94.
- Gomes, F. B. (2016) - *Contactos Culturais e Discursos Identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Gonçalves, D. (2007) - *Funus. Recomendações para a escavação e análise em laboratório de cremações em urna*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A.; Angelucci, D. (2010) - The Roman Cremation burials of Encosta de Sant'ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 13, pp. 125-144.
- González Villaescusa, R. (2001) - *El mundo funerário en el País Valenciano. Monumentos funerários y sepulturas entre los siglos I a. de C. y VII d. de C.* Madrid e Alicante: Casa de Velasquez, Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».
- Gowland, R. L.; Chamberlain, A.; Redfern, R. C. (2014) - On the brink of being: Re-evaluating infanticide and infant burial in Roman Britain. In Carroll, M.; Graham, E.-J., eds. - *Infant Health and Death in Roman Italy and Beyond* (Journal of Roman Archaeology Supplementary Series; 96). Durham: Durham University Library, pp. 69-88.
- Guerin, P.; Martínez Valle, R. (1987-1988) - Inhumaciones infantiles en poblados ibéricos del área valenciana. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 21, pp. 231-265.
- Guerra, A. (2003) - Algumas notas sobre o Mundo Ru-

- ral do Território Olisiponense e as suas Gentes. In Santos, A. R.; Rodrigues, N. S.; Kuznetsova-Resende, T.; Guerra, A., eds. - *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Colibri, pp.123-150.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra, A.; Reis, S. H. (2018) - Ser médico e aprender medicina na Lusitânia romana. *Cuadernos de Arqueología*. Pamplona: Universidad de Navarra. 26, pp. 19-48.
- Guerra, A. (2019) - Onomástica, realidade social e vida pública em *Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 12-29.
- Guerra, S.; Sousa, E. (no prelo) - Intervenções no Largo de Santa Cruz do Castelo 6-7: dados preliminares sobre a ocupação da Idade do Ferro.
- Gusi, F.; Muriel, S. (2008) - Panorama actual de la investigación de las inhumaciones protohistóricas del sudoeste mediterráneo europeo. Nasciturus, Infans, Puerulus vovis mater terra. In Gusi, F.; Muriel, S.; Olaria, C., eds. - *Una visión de la infancia desde la osteoarqueología: de la Prehistoria reciente a la Edad Media*. Castelló: Diputación de Castelló, pp. 257-329.
- Han, S.; Betsinger, T. K.; Scott, A. B. (2017) - *The anthropology of the fetus: Biology, culture and Society*. New York: Berghahn.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.
- Harlow, M.; Laurence, R. (2001) - *Growing up and growing old in ancient Rome. A life course approach*. London: Routledge.
- Harlow, M.; Laurence, R.; Vuolanto, V. (2007) - Past, present and future in the study of Roman childhood. In Crawford, S.; Shepherd, G., eds. - *Children, childhood and society* (BAR International Series; 1696). Oxford: Archaeopress, pp. 5-14.
- Henderson, C., Alves Cardoso, F., eds. (2018) - *Identified Skeletal Collections: the testing ground of anthropology?* Oxford: Archaeopress.
- Hilts, C. (2016) - The fragrant dead. How to treat your dead, the Roman way. *Current Archaeology*. [S.l.]: Current Publishing, 312. Disponível em WWW: (URL: <https://www.archaeology.co.uk/articles/features/the-fragrant-dead-how-to-treat-your-dead-the-roman-way.htm>) [Consultado em 17/10/2020].
- Hope, V. M. (2007) - *Death in Ancient Rome (a source-book)*. Oxford: Routledge.
- Heleno, M. (1965) - A estação lusitano-romana da Praça da Figueira. *Ethnos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. 4, pp. 305-308.
- Isings, C. (1959) - *Roman glass from dated finds* (col. Archaeologia Traiectina; II). Groningen e Jacarta: Academiae Rheno - Traiectinae Instituto Archaeologico
- Hopkins, K. (1966) - *On the probable age structure of the Roman population*. *Population Studies*. Oxford: Taylor & Francis Ltd. 20 (2), pp. 254-64.
- Isings, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen e Jacarta: J. B. Walters, (Archeologica Traiectina edita ab Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico).
- Jiménez, A. (2008) - Roman Settlements / Punic Ancestors. Some Examples from the Necropoleis of Southern Iberia. *Bolletino di Archeologia online. International Congress of Classical Archaeology - Meetings between in the Ancient Mediterranean*. Roma: Ministerio per I Beni e le Attività Culturali, Direzione Generale per le Antichità. Volume especial, pp. 25-43.
- Jiménez Ávila, J. (2002) - *La touréutica orientalizante em la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- Kalb, P.; Höck, M. (1981-82) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugália*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série 2. 2-3, pp. 61-69.
- Leisner, V.; Schubart, H. (1966) - Die Kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid: Deutsches Archaeologisches Institut. 7, pp. 9-47.
- Lamelas, I. P.; Gonçalves, J. A. (2020) - *Potâmio de Lisboa. Escritos*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Leitão, M.; Fernandes, L.; Filipe, V. (2020) - *Felicitas Iulia Olisipo e a reutilização de spolia na Antiguidade Tardia: o caso do troço de muralha da Casa dos Bicos (Lisboa, Portugal)*. In Mateos Cruz, P.; Morán Sánchez, C. J., eds.- *Exemplum et Spolia la reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas* (col. Mytra, Monografías y Trabajos de Arqueología; 7). Mérida: Instituto de Arqueología, CSIC-Junta de Extremadura. II, pp. 769-777.
- Lelekovic, T. (2012) - Cemeteries. In Migotti, B., ed. - *The Archaeology of Roman Southern Pannonia. The state of research and selected problems in the Croatian part of the Roman province of Pannonia* (BAR International Series; 2393). Oxford: Archaeopress, pp. 313-357.
- Lillo Carpio, P. (2001-2002) - Notas acerca de la incineración. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad. 17-18, pp. 127-146.
- Loja, S.; Quaresma, J. C.; Cabaço, N.; Lourenço, M.;

- Casimiro, S.; Silva, R. B.; Alves-Cardoso, F. (2020) - O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal / 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1347-1359.
- Lopes, V. A. M. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Huelva: Universidad de Huelva (Dissertação de Doutoramento).
- López Melero, R. (1997) - Enterrar en Urso (*Lex Ursonensis* LXXIII-LXXIV). *Studia de Historia Antigua*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 15-16, pp. 105-118.
- Mantas, V. G. (1994) - Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 70-75.
- Martin Ruiz, J. A. (2009) - Estelas funerárias fenícias en Andalucía. *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ CEFYP. 2, pp. 41-49.
- Martínez Pérez, M. A. (2015) - Monumentos funerarios romanos en la Comunidad Valenciana. Tipos y ejemplos más destacados. *ArqueoWeb*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. 16, pp. 102-123.
- Mendonça, M. C. (2000) - Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 112 (1), pp. 39-48.
- Moita, I. (1968) - Achados de época romana no sub-solo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-71.
- Moita, I. (1994) - *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Expo '98, Lisboa '94, Livros Horizonte.
- Morillo Cerdán, A. (1999) - *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl.
- Morris, I. (1992) - *Death-ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mota, N.; Carvalinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M.; Prata, S., eds. - *Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval* (Coleção Estudos; 18). Castelo de Vide: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-535.
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) - Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martin Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 11, pp. 245 -246.
- Muralha, J.; Costa, C. (2004) - *Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz - Lisboa). Relatório da Escavação arqueológica*. Lisboa: Museu da Cidade (policopiado).
- Navascués, J. M. (1951) - *La era “...as”*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R.; Rocha, M.; Zamora López, J. A. (2016) - Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 19, pp. 123-128.
- Nolen, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- Olivier Foix, A.; Gómez Bellard, F. (1989) - Nuevos enterramientos infantiles ibéricos de inhumación. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castelló: Diputació de Castelló. 14, pp. 51-61.
- Ortner, D. J. (2003) - *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. San Diego: Academic Press.
- Osuna, A. R. (2009) - *Topografía y monumentalización funeraria en Baetica: conventus Cordubensis y Astigitanus. Tesis doctoral – Universidad de Córdoba*. Córdoba: Universidad de Córdoba.
- Padez, C. (2007) - Secular trend in Portugal. *Journal of Human Ecology*. Delhi, India: Kamla-Raj. 22 (1): pp. 15-22.
- Peña, J. T. (2007) - *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge.
- Pereira, C. (2014) - *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Pereira, C. (2018) - *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia* (O Arqueólogo Português, Série Suplementos; 9). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional.
- Pereira, M. A. H. (1975) - Objectos Egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 14, pp. 173-175.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8 (2), pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Guapo, A. R.; Luna, I.; Robalo, C. (2020) - A Necrópole Pré-Romana da Berbelita, Alenquer. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. Série II. 23, pp. 26-33.

- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 18, pp. 591-618.
- Pimenta, J. P.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014) - Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos: Câmara Municipal. 1, pp. 39-57.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Sousa, E.; Arruda, A. M. (2020) - O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 7, pp. 6-31.
- Pirenne, H. ([1927] 1962) - *As cidades na Idade Média*. Lisboa: Ed. Europa-América.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - The 3rd century AD in motion: new proposals on morphologic-and-chronological lamps evolution (Disc-type, Dressel 28, Dressel 27, Dressel 30 and Disc-type derived). In *Terracota lamps in Archaic, Classical, Hellenistic, Roman and Early Byzantine Anatolia: production, use, typology and distribution. An international symposium. May 16-17, 2019, Izmir, Turkey*. Izmir: Izmir Center of the Archaeology of Western Anatolia.
- Quaresma, J. C.; António, J. (2017) - Importações cerâmicas no interior da *Lusitania* durante a Antiguidade Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, Abelterium). *Pyrenae*. Barcelona: Universidad de Barcelona. 48.2, pp. 53-122.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B. (2019) - An overview on oriental commerce in the Tagus estuary region: 5th and 6th century AD late Phocaean (Irc) and Cypriot (Ird) Tableware. *RES Antiquitatis*. Lisboa: CHAM-Centro de Humanidades NOVA/FCSH. 2nd Series. 1, pp. 82-103.
- Rebelo, P.; Peça, P. (no prelo) - Intervenção arqueológica na Calçada do Lavra: dinâmicas de ocupação do espaço. Abordagem preliminar à necrópole romana. In Antunes, A. S.; Nozes, C.; Carvalhinhos, M.; Leitão, V., eds. - *Atas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa: Arqueologia em meio urbano*. Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL.
- Rémy, B. (1998) - Les élites locales et municipales de la colonie de Vienne au Haut-Empire. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles: L'Antiquité Classique. 67, pp. 77-120.
- Ribeiro, J. C. (1989-1990) - Romanização e romanidade na «Zona Oeste» do município olisiponense. *Jornal de Sintra*. Sintra: Jornal de Sintra-Semanário Regional Independente, 27/10/89 a 23/3/90.
- Ribeiro, J. C. (1994) - *Felicitas Iulia Olisipo* - Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.^a Série. 3 (Especial Arqueologia na Região de Lisboa), pp. 75-95.
- Rocha, A. S. (1975) - *A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafim. Memórias e Explorações Arqueológicas* (Memórias sobre a Antiguidade; 3) Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 127-141.
- Ruiz Val, E.; Serrano Marcos, M. L.; Arnau Davó, B.; García Villanueva, M. I. (2003) - El monumento funerario templiforme de la plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum - Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-195.
- Rütti, B. (1991) - *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Katalog und Tafeln* (col. Forschungen in Augst; 13/2). Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft.
- Santos, B. S.; Pereira, S. S.; Silva, R. B.; Casimiro, S.; Detry, C.; Alves-Cardoso, F. (2020) - Ritual, descarte ou afetividade? A presença de «*Canis lupus familiaris*» na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coord. - *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1457-1466.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Santos, F. J. C.; Carvalho, P. C. (2008) - Aspectos do mundo funerário romano na Beira Interior. As estruturas monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): uma primeira abordagem. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. 47, pp. 127-143.
- Scheuer, L.; Black, S. (2000) - *Developmental juvenile osteology*. London: Elsevier.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - A Intervenção Arqueológica urbana da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1 - *A terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6 (2), pp. 401-414.
- Serrão, E. da C. (1964) - *A necrópole proto-histórica do Casalão, Sesimbra*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Serrão, E. da C. (1974) - A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1, pp. 129-142.
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo - subsídios para a história de Lisboa romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Moura*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

- Silva, F. C. (2018) - *Mundo funerário romano sob o prisma da cremação. Análise antropológica de amostras Alto-Imperiais da Lusitania*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha". Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997*. Lisboa: Câmara Municipal, DPC/DA, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2002) - As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. In Barros, L. M.; Henriques, F. J. R., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997* (col. Monografias - Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 193-205.
- Silva, R. B. (2005) - As "marcas de oleiro" em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de *Olisipo* (séc. I a.C. - séc. II d.C.). Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdú, J. A.; Acero Pérez, J., eds. - *El tratamiento de los Residuos Sólidos en las Ciudades de la Hispania Romana. Omenaje a Xavier Dupré Raventós (1956-2006)* (Anexos del Archivo Español de Arqueología; 60). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 201-213.
- Silva, R. B. (2012a) - As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (2012b) - Arqueologia viária romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. In Pimenta, J., coord.- *Atas da Mesa Redonda "De Olisipo a Ierabriga"* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2014) - A intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol: as evidências do período romano. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 3, pp. 178-199.
- Silva, R. B. (2015) - O contexto alto-imperial da rua dos Remédios (Alfama – Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., coords. - *Contextos estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)* (col. Monografias da AAP; I). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2018a) - A «via norte» de *Olisipo*: a arqueologia na Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viais e da dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A. A.; Cameira, I., coords. - *Fragmentos de Arqueologia 2: Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: CML/DMC/DPC/Centro de Arqueologia de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, pp. 73-86.
- Silva, R. B. (2018b) - O sítio do Cemitério dos Prazeres (Lisboa): um assentamento romano no espaço rural de *Olisipo*. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 6, pp. 179-187.
- Silva, R. B.; De Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: A significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez Martinez, S., eds. - *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Silves, 22 a 27 de Outubro de 2012*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Soria, V. (2018) - *La ceramica a vernice nera italica e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e il I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias; 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E.; Guerra, S. (2018) - A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia, 50, pp. 57-88.
- Teixeira, S. (2019) - Os grupos servis do município. Origem, funções e ambições. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 70-85.
- Toynbee, J. M. C. (1971) - *Death and Burial in the Roman World*. Nova Iorque: Cornell University Press.
- Toynbee, J. M. C. (1996) - *Death and Burial in the Roman World* (2.ª Ed.). Baltimore: John's Hopkins University Press.
- Trindade, L.; Diogo, A. M. D. (1999) - 284. Inscrição funerária paleocristã da Rua de São Mamede ao Caldas, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico-Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 62.
- Trindade, L.; Ferreira, O. da V. (1965) - Acerca do Vaso «Piriforme» Tartéssico de Bronze do Museu de Torres Vedras. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 63-64, pp. 175-183.
- Turner-Wilson, A. (2007) - The appearance of health. The symbolic Construction of the healthy body through urban cemetery evidence from Late Iron Age and Early Roman Britain. In Croxford, B.; Ray, N.; Roth, R.; Natalie White, N., eds. - *TRAC 2006*:

- Proceedings of the Sixteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Cambridge, 2006.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 103-114.
- Van Driel-Murray, C. (1999) - And Did Those Feet in Ancient Time... Feet and Shoes as a Material Projection of the Self. In Baker, P.; Forcey, C.; Jundi, S.; Witcher, R., eds. - *TRAC 98: Proceedings of the Eighth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Leicester 1998.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 131-140.
- Van Driel-Murray, C. (2016) - 6. Fashionable Footwear: Craftsmen and Consumers in the North-West Provinces of the Roman Empire. In Wilson, A.; Flohr, M., eds. - *Urban Craftsmen and Traders in the Roman World.* Oxford: Oxford University Press, pp. 132-152.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2001a) - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2001b) - Formas arquitectónicas funerarias de carácter monumental en Colonia Patricia Corduba. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 74 (183-184), pp. 131-160.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2002) - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007a) - La muerte en la Hispania Romana: ideología y prácticas. In Barca Durán, F. J.; Jiménez Ávila, J., eds. - *Enfermedad, muerte y cultura em las sociedades del pasado: importancia de la contextualización en los estudios paleopatológicos: actas del VIII Congreso Nacional de Paleopatología - I Encuentro hispano-luso de Paleopatología. Cáceres, 16-19 de Noviembre de 2005.* Cáceres: Fundación Academia Europea de Yuste. I, pp. 135-158.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007b) - Crematio et humatio in Hispania: Cordubensium mos. In Faber, A.; Fasold, P.; Struck, M.; Witteyer, M., eds. - *Körpergräber des 1-3. Jahrhunderts in der römischen Welt. Internationales Kolloquium Frankfurt am Main. 19 - 20 November 2004* (Schriften des Archäologischen Museums Frankfurt am Main; 21). Frankfurt am Main: Archäologisches Museum Frankfurt, pp. 271-290.
- Vaquerizo Gil, D. (2019) - Planificación topográfica en las necrópolis de Colonia Patricia (ss. I a.C.-II d.C.). *Madridrer Mitteilungen.* Wiesbaden: Reichert Verlag. 60, pp. 417-421.
- Vaquerizo Gil, D. (2020) - Parcelaciones funerarias en necrópolis cordubenses. Reflexiones a partir de dos hallazgos recientes. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 93, pp. 147-172.
- Vargas Cantos, S.; Vaquerizo, D. (2001) - Tipología y evolución de los ajuares. In Vaquerizo, D., coord. - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba, pp. 158-161.
- Vargas Cantos, S. (2002) - El conjunto funerario de La Constancia (Córdoba). Ajuares y cronologías. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba. II, pp. 297-310.
- Vasconcelos, J. L. (1900a) - 9. Incrição de Olisipo. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 173.
- Vasconcelos, J. L. (1900b) - 1. Largo de São Domingos. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 283.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de ara do municipium olisiponense.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado).
- Vieira, V. (2012) - Os Mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa, em Alfama. *Portugal Romano.com. Revista de Arqueologia Romana.* [S.l./s.n.]. 3, pp. 117-124.
- Vieira, V. A. C. N. (2011) - *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Vilaça, R.; Cruz, D. J.; Gonçalves, A. (1999) - A Necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga.* Coimbra: Universidade de Coimbra. 38, pp. 5-29.
- Zamora López, J. A. (2005) - La práctica de escribir entre los primeros fenicios peninsulares y la introducción de la escritura entre los pueblos paleohispánicos. *Acta Paleohispanica.* Barcelona: Universidad de Barcelona. 5, pp. 155-192.

Lista de Autores

ANA LEMA SEABRA

ICArEHB - Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

asbr73@gmail.com

ANA MARGARIDA ARRUDA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa

A.M.Arruda@letras.ulisboa.pt

ANA SOFIA ANTUNES

Centro de Arqueologia de Lisboa/ Departamento
de Património Cultural/ Direção Municipal
de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
Uniarq - Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa.

ana.sofia.antunes@cm-lisboa.pt

CATARINA BOLILA

Neoépica, Ld.^a

catarinabolila@hotmail.com

CIDÁLIA DUARTE

Direção Geral do Património Cultural.

cidalia2010@gmail.com

CLÁUDIA COSTA

ICArEHB-Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

cmcosta@ualg.pt

CLÁUDIA MANSO

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

claudia.manso@chimerapatrimonio.pt

DAVID GONÇALVES

LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório de Arqueociências
FCSH/NOVA. Direção Geral do Património Cultural.

davidmiguelgoncalves@gmail.com

DIEGO ANGELUCCI

Università degli Studi di Trento. Uniarq - Centro
de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

diego.angelucci@unitn.it

ELISA DE SOUSA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.

e.sousa@campus.ul.pt

ÉVER CALVO

Era-Arqueologia, S.A.

evercalvo@era-arqueologia.pt

FRANCISCA ALVES-CARDOSO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FSCH/NOVA.

francicard@fcsh.unl.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Ld.^a

helenapinho.neoeopica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção Geral do Património Cultural.

jacintabugalhao@gmail.com

JOANA REIS

Neoépica, Ld.^a

joana.arqueologia@gmail.com

JOÃO MURALHA

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências
do Património da Universidade de Coimbra

jmuralha@gmail.com

JOSÉ CARLOS QUARESMA

CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/
NOVA; Departamento de História FCSH/NOVA.

josecarlosquaresma@gmail.com

JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

jose.oliveira@chimerapatrimonio.pt

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/NOVA.

manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

MARINA LOURENÇO

Era-Arqueologia, S.A.

marinalourenco@era-arqueologia.pt

Lista de Autores (cont.)

NATHALIE ANTUNES-FERREIRA

Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz/
Instituto Universitário Egas Moniz; Laboratório de
Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz/ Egas
Moniz Cooperativa de Ensino Superior. LABOH -
Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia
Humana FCSH/NOVA; CRIA - Centro em Rede
de Investigação em Arqueologia FCSH/NOVA.

naferreira@egasmoniz.edu.pt

NÉLSON CABAÇO

Era-Arqueologia, S.A.

nelsoncabaco@era-arqueologia.pt

NUNO NETO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PAULO BOTELHO

Engobe – Arqueologia e Património, Ld.^a

PAULO REBELO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PEDRO FERNANDES

Neoépica, Ld.^a

pedromqfernandes@gmail.com

PEDRO PEÇA

Neoépica, Ld.^a

pedropeca@gmail.com

RAQUEL GRANJA

Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade
de Lisboa. CIAS - Centro de Investigação
em Antropologia e Saúde da Universidade de
Coimbra. LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório
de Arqueociências FCSH/NOVA. Direção
Geral do Património Cultural.

raagranja@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
Departamento de História FSCH/NOVA.

rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

SUSANA GARCIA

Instituto de Ciências Sociais e Políticas
da Universidade de Lisboa.

msgorjao@gmail.com

SÍLVIA CASIMIRO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FCSH/NOVA.

smcasimiro@gmail.com

VASCO LEITÃO

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/
Direção Municipal de Cultura/ Câmara
Municipal de Lisboa.

vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Ld.^a

vav@sapo.pt

VÍTOR FRAZÃO

Neoépica, Ld.^a

vitfrazao@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA

Diogo Santos Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA

Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

António Marques

COORDENAÇÃO GERAL

Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO

ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara

Municipal de Odivelas; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC / Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC / Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Oranização das Nações Unidas para a Educação, ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau|Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (NARC) / Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior

/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIAQ); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO

Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*:
Para Além Desta Vida - Memória Funerária da Cidade - VII

COORDENAÇÃO DO VOLUME

Rodrigo Banha da Silva – CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA

Ana Lema Seabra
Ana Margarida Arruda
Ana Sofia Antunes
Catarina Bolila
Cidália Duarte
Cláudia Costa
Cláudia Manso
David Gonçalves
Diego Angelucci
Elisa de Sousa
Éver Calvo
Francisca Alves-Cardoso
Helena Pinheiro
Jacinta Bugalhão
Joana Reis
João Muralha
José Carlos Quaresma
José Miguel Oliveira
Manuela Leitão
Marina Lourenço
Nathalie Antunes-Ferreira
Nelson Cabaço
Nuno Neto

Paulo Botelho
Paulo Rebelo
Pedro Fernandes
Pedro Peça
Raquel Granja
Rodrigo Banha da Silva
Susana Garcia
Sílvia Casímiro
Vasco Leitão
Vasco Noronha Vieira
Vitor Frazão

REVISÃO DO VOLUME

Rodrigo Banha da Silva - CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA
Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML
Inês Morais Viegas - DPC / DMC / CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Inês Morais Viegas (coord.) - DPC / DMC / CML
Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa,
autores dos textos de cada volume
e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO

José Ribeiro

DESENHO DE CAPA

César Figueiredo

ISBN

978-989-658-697-3

DATA DE EDIÇÃO

Novembro 2021

DEPÓSITO LEGAL

463308/19

TIRAGEM

1.500 exemplares

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM

<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER

<https://twitter.com/LisboaRomana>

LISBOA
ROMANA
FELICITAS
IULIA
OLISIPO